A via do sujeito na análise

Zilda Machado

O que se realiza no percurso de uma análise? Ou, melhor dizendo, o que pode a psicanálise prometer àquele que bate à sua porta e demanda ajuda, pois está "sofrendo demais", única justificativa, segundo Lacan, para nossa intervenção?[1]

Interessa-me trabalhar neste texto o caminho que leva o sujeito, trazido à análise pelo sintoma, da indeterminação à destituição subjetiva, ou seja, da falta-a-ser à constatação de apenas ser enquanto gozo, possibilidade que lhe é aberta pela experiência analítica e que, de maneira lógica, decorre do tratamento.

[1] Lacan. O Seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (1964. p. 158)

o sujeito para a psicanálise

"Quem fala" quando nos referimos ao sujeito do inconsciente? Quem fala na palavra que me escapa e sai, quando eu queria dizer outra coisa? Quem faz o sonho sonhado por mim para conseguir dormir? Quem é o senhor da casa que habito?

Para a filosofia, o sujeito coincide com o seu pensamento, com o que sabe de si; no entanto, para a psicanálise, ele tem outra dimensão, radicalmente oposta.

Ao falar de sujeito do inconsciente, não se trata daquilo que se sabe de si, ao contrário, o sujeito aparece no que escapa ao eu. Conforme aponta Lacan em Radiofonia[2]: "Que o sujeito não seja aquele que sabe o que diz, quando efetivamente alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta, bem como no ímpar de uma conduta que ele julga ser sua (...) é essa, evidentemente, a ordem dos fatos que Freud chama de inconsciente".

[2] Lacan. Radiofonia. (2003. p. 403)

"O ego não é o senhor de sua própria casa"[3], nos diz Freud. Essa constatação foi um dos maiores golpes narcísicos sofridos pelo homem. Embora venha ferir seu amor-próprio, ao confrontar-se com as formações do inconsciente, com a trama de pensamentos que o determinam, o homem pôde constatar essa verdade. E Freud acrescenta: "O que está em sua mente não coincide com aquilo de que você está consciente; o que acontece realmente e aquilo que você sabe, são duas coisas distintas."[4]

3 Freud. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917. p. 178)

4 Ibid., p. 177

o saber em questão no inconsciente

O que é esse "acontece realmente"? O que é o inconsciente? Trata-se de algo que toca o saber. Há um saber atingido pelo sujeito quando pensa, mas há um para além, há um saber de outra ordem, determinante, e este, dele não se sabe.

O sujeito constitui-se numa divisão: por um lado, está alienado aos significantes recebidos do Outro, representado na cadeia da linguagem e preso aos significantes que o determinam; por outro, por ser dotado de um corpo que o atiça desde o nascimento, é compelido a fazer ligações, a encontrar palavras para cifrar, traduzir as excitações corporais que o acossam.

Portanto o inconsciente, estruturado como uma linguagem, é a cadeia de significantes que em algum lugar, em uma outra cena se repete e insiste. No *Seminário XI*, Lacan o define como o não-nascido, o não-realizado[5]. Não se trata de um reservatório, trata-se de um saber que não se sabe. O inconsciente tem como causa um centro incógnito designado pela hiância[6], pelo oco que pulsa (o umbigo do sonho) a exigir trabalho do aparelho psíquico: ligar a moção pulsional a uma palavra que possa representá-la. Tal ligação ordena-se como uma falsa conexão, como Freud nos aponta na "primeira mentira"[7] do *Projeto*. É a palavra tomada numa contingência, para recobrir a hiância. Posteriormente, Lacan dirá: "o inconsciente consiste em um saber que se articula por alíngua"[8], a palavra tomada em sua pura materialidade.

Seria aí o lugar da *fixão* do sujeito, com a cifragem do gozo experimentado, mas também o lugar de sua ficção, o simbólico como semblante, a decifragem.

[5] Lacan. *Os quatro conceitos fundamentais*. op. cit., p. 28

[6] Lacan. Os quatro conceitos fundamentais. op. cit., p. 28

[7] Freud. Projeto para uma psicologia científica. (1950. p. 474)

[8] Lacan. A terceira. (1974. p. 172)

o real e o gozo

Respondendo então à pergunta do início, o real é o senhor da minha casa. O próprio inconsciente já é a resposta cifrada a partir desse engendramento. Justamente aí, dessa divisão, surge o sujeito, condenado à alienação ao significante, ou a surgir no ato que ultrapassa aquele que fala: ou ele é e não faz sentido (presença do real); ou ele faz sentido e já não é, subsumiu-se na cadeia significante que o encobre em suas elucubrações.

Assim, são dois os recursos do sujeito: um pela via simbólica e outro pela via da mostração, do ato. O primeiro veicula

o que é da ordem do retorno pela rememoração, passível de ser interpretado, o qual, a partir da escuta do analista, implica um corte que barra o interminável da cadeia significante, abrindo outras significações e levando à materialidade da palavra, ao significante.

O segundo presentifica o que escapa à linguagem, a parte do ser falante não articulável pela via significante, o real que comanda a cadeia simbólica e a ela escapa, presentificando-se numa cena que se mostra na repetição. É o que retorna sempre ao mesmo lugar, ao ponto vazio da estrutura, a esse lugar onde o sujeito, "na medida em que cogita, não o encontra". Ponto ao qual se retorna sempre e onde se presentifica o sujeito, no fulgor de um instante.

O real não é propriamente o inconsciente, é causa do inconsciente. Lacan nos diz: "o real, é para além do sonho [*e das outras formações do inconsciente*] que temos de procurá-lo, naquilo que o sonho revestiu, envelopou, escondeu, por trás da falta de representação, da qual só existe um lugar-tenente, lá está o real que comanda."[9] E lá surge o sujeito do inconsciente, na descontinuidade do real, no corte, no rompimento da cadeia significante. Somente nesse momento preciso, podemos conceber-lhe uma morada: "Esse corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. (...) É por essa via que se cumpre o imperativo: Wo Es war, soll Ich werden. (...) Lá onde isso era, estava no instante exato, lá onde isso era, estava um pouquinho, entre a extinção que ainda brilha e a eclosão que tropeça, [Eu] posso vir a sê-lo, por desaparecer de meu dito."[10]

Ali onde outra palavra foi dita pela minha boca em um lapso que me ultrapassou, ou em um ato que se me precipitou, ali, naquele instante preciso, o sujeito do inconsciente que me habita esteve presente. Posso dizer, retroativamente, que algo ex-sistiu naquele momento, mas agora, quando falo, já não estou naquele instante. Por essa via Lacan mostra que o sujeito do inconsciente não tem uma existência, ele é fundamentalmente falta a ser, sem conteúdo ou substância. Ou está em "fading", desaparecido na cadeia significante que o representa, ou teve uma existência ali onde o real foi cifrado ao provocar uma experiência de gozo. E embora esse gozo lhe pareça estranho, por ele o sujeito é totalmente responsável, pois, afinal, é o seu mais íntimo. Está aí marcada a sua

[9] Lacan. *Os quatro conceitos fundamentais*. op. cit., p. 61

[10] Lacan. Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. (1998, p. 815)

única possibilidade de "ser": ser como gozo, na presença do real que o determina.

sintoma – significante, real e gozo: a via da análise

O sintoma é o que há de mais intrínseco ao sujeito, de mais harmônico com a fenda que o causa, o vazio da estrutura, a castração. Ele traz em si uma amarração direta não só ao "inconsciente estruturado como uma linguagem", mas também ao real, à parte silenciosa do ser falante, para sempre fora da inscrição da linguagem e, no entanto, com o material de *alíngua*, faz uma cifra de gozo.

Como nos lembra Freud, "o sintoma é a vida sexual do neurótico". Ele promove uma realização de desejos recalcados e infantis, uma satisfação pulsional substituta. Sustenta-se numa fantasia inconsciente causada pela força da pulsão que, pressionando por satisfação, encontra a barreira da censura e é recalcada. Então, tomando a via da fantasia, o desejo regride a um tempo onde houve a possibilidade de se obter satisfação, pois, como Freud nos mostra, o sujeito não abdica jamais de um prazer já experimentado. Assim, podemos entender os conceitos de regressão (pela via da fantasia) e de fixação (ao ponto onde houve maior satisfação).

Entretanto, o aparelho continua pressionando, a pulsão é uma força constante que não dá trégua ao sujeito. Ocorre outra tentativa de encontrar a satisfação, para além do plano da fantasia, desta vez, porém, por via indireta. Trata-se do que chamamos "o retorno do recalcado", momento de formação do sintoma, um substituto. Trata-se de um arranjo, uma "formação de compromisso" entre o desejo inconsciente, proveniente da pulsão sexual e a força da censura que ele trata de burlar. Os sintomas são, portanto, substitutos que permitirão ao sujeito encontrar a satisfação pulsional desejada, ao preço de não reconhecê-la como tal.

O sintoma tem importância fundamental para o ser falante, é o que ressalta a clínica psicanalítica. Quem procura um analista o faz a partir do mal-estar provocado pelo sintoma. Aquilo que foi construído justamente para dar conta da posição de divisão do sujeito entre a linguagem e o embaraço trazido por seu corpo, em determinado momento, torna-se um problema. Ou seja, o que ajeitou o sujeito com sua fenda constitutiva e garantiu a satisfação

desejada, vai assumindo mais e mais a característica de mal-estar e leva-o aos primórdios do Sujeito Suposto Saber.

O neurótico é aquele que supõe no sintoma um saber a ser decifrado, ele acredita em seu sintoma[11]. E essa crença erigirá o Suposto Saber: há um Outro que sabe. Isso o colocará à procura de médicos, curandeiros, religião, entre outros. Se o sujeito, por uma contingência, encontra um analista, aquele que, portador de um significante qualquer, sirva-lhe de isca para enganchar a sua questão, a transferência se estabelece e constitui-se o Sujeito Suposto Saber.

[11] Lacan. R.S.I. (1974/75, lição de 21 de janeiro de 1975)

O Sujeito Suposto Saber, portanto, não coincide com o analista, e é a partir desta disjunção que o trabalho da análise se desenvolve. Ele sustenta essa função, mas não se confunde com ela. A transferência supõe, portanto, mais além de amor ao analista: trata-se, verdadeiramente, de amor ao saber. O trabalho de análise se faz através do manejo da transferência, levando o analisante a elaborar um saber sobre o que lhe falta, a ir em busca daquilo que o causa.

Afinal, em que se diferenciam a psicanálise e as psicoterapias? Qual a diferença quanto ao manejo do sintoma?

a especificidade da psicanálise

Lacan, em *A subversão do sujeito e a dialética do desejo*, toma a questão e nos mostra que a função do sujeito para a psicanálise altera radicalmente a noção de sujeito da psicologia, cujo critério é sua unidade, a partir da filosofia. Aponta-se aí a radical diferença entre a psicanálise e as psicoterapias. Estas visam a restaurar, a completar o sujeito dividido pelo sintoma. Obviamente, a psicanálise é também terapêutica, senão, quem poderia sustentar um tratamento tão longo se nada melhorasse em sua vida? Diferencia-se, porém, por seu efeito terapêutico acontecer de uma maneira *sui generis*.

No seminário *O ato psicanalítico* Lacan aponta que há no ato analítico a noção de ultrapassamento de um umbral. Portanto, vir a um analista queixar-se de seu sintoma, testemunho de sua divisão, e apresentar o trabalho que fez para lidar com ela, traz como conseqüência o fato de que o analista vai fazer valer essa divisão, sem tamponá-la. Por não responder do lugar do sa-

ber, mas, ao contrário, sustentar com o sujeito a questão, o analista pode levá-lo a constituir um sintoma propriamente analítico ao se perguntar: "o que tenho a ver com isso?" Dessa forma, o analisante constrói uma questão que o coloca na vereda do que o determina e do arranjo que foi compelido a fazer e que, agora, converteu-se num enigma para ele.

Assim, há uma mudança no estatuto da demanda, pois além de demanda de cura do mal-estar, surge também demanda de investigação. Essa mudança vai engajá-lo na análise, vai compeli-lo a fazer um esforço na construção de um saber sobre isso, ultrapassando o horror de saber, ponto estrutural de todo sujeito. A entrada em análise, portanto, é o ultrapassamento desse umbral em que se cria um enigma, o qual coloca o sujeito em posição de investigação do trabalho que seu inconsciente já fez. Momento de ir atrás do que o determina, do que age sobre ele. O analista é, então, tomado como um Sujeito Suposto Saber algo sobre isso.

Portanto, o sujeito da experiência analítica institui-se como uma questão colocada a trabalho que se concluirá, pois a análise não é interminável. Em *Variantes da destituição subjetiva, suas manifestações, suas causas*, Colette Soler (2002) aponta: se a análise fosse somente investigar a questão, seria tornar infinita a indeterminação do sujeito. O manejo adequado da transferência por parte do analista possibilitará que o trabalho aconteça, permitindo ao analisante sustentar a hiância e levar a investigação até o final. Aí, a depender da posição ética de cada um, poder-se-á alcançar a "destituição subjetiva", deparando-se com a falta radical do Outro, o S(Ⱥ), ao se experimentar como objeto, na travessia da fantasia. A saída, aponta-nos Soler, é "chegar ao sujeito da certeza, até na própria psicanálise"[12], que vem por um processo lógico: a destituição subjetiva, ou "destituição do passe".

Trata-se de ir esvaziando os sentidos e ir além deles, ponto no qual se encontra aquilo de que se é prisioneiro, aquilo em que se está enredado e a satisfação daí extraída. Chegar a esse ponto leva à perda da indeterminação, "significa que é o fim do "pode ser", do "mais tarde", do "por que não", do "que fazer"?, "quem sou eu?", "o que é isso?" "será que fiz bem?" ... etc."[13]

O final da análise, portanto, é um procedimento lógico, ligado mais à construção de um saber do que à remissão completa dos sintomas. Lacan, em "O momento de concluir", define-o as-

[12] Soler. Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas. (2002, p. 16)

[13] Ibid., p. 15/16

sim: "A análise não consiste em que se seja liberado de seus *sinthomas*. (...) A análise consiste em que se saiba por que se está com isso embrulhado"[14]. Alguns sintomas, que Lacan grafa de modo diferente, com th, para mostrar sua especificidade, persistirão e serão índice do inanalisável de cada um, uma espécie de identificação do sujeito a ponto do real: a identificação ao sintoma. Nele, o sujeito não mais acredita, não crê que aquele sintoma queira dizer algo, ou seja, ali o sujeito já não mais acredita em seu inconsciente.

[14] Lacan. O momento de concluir. (1977/78, p. 34)

No entanto, Soler nos chama a atenção, o "é isso" não é sujeito, está antes, do lado do gozo. Há aí um efeito de ser do sujeito com o qual ele deve consentir. Tomando a fórmula freudiana que vimos acima, o que ela propõe é: "lá onde isso estava, eu devo "me fazer" ser, ou devo suportar ser".[15].

Se antes o sujeito estava indeterminado na cadeia significante, era uma falta-a-ser, a análise, por sua vez, leva-o à destituição subjetiva, mas também a consentir com a pulsão. Aí o sujeito tem uma existência naquilo que o ultrapassa: seu ser de gozo.

[15] Soler. *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas*. op.cit. p. 20

Podemos dizer ser esta a via do sujeito na análise, da entrada em análise até sua conclusão: uma via que leva do sujeito dividido, cativo da rede significante que o determina, à destituição subjetiva e sua redução à letra de gozo.

do sintoma ao desejo do analista em ato

Portanto, a psicanálise é um tratamento *sui generis*: uma construção de saber que provoca efeitos terapêuticos ao atingir o sintoma. Mas traz também outros benefícios. Quais são eles e onde se depositam?

Esgarçando o sentido das palavras pelas quais se foi determinado, ouvindo estes significantes de outra maneira, a psicanálise opera justamente levando o sujeito mais e mais a contornar o vazio da estrutura que o próprio sintoma tentou preencher. Só assim, para além do limite da interpretabilidade, pode surgir o objeto irredutível, no limite de todo saber, ponto no qual a queda das identificações e dos ideais deixa a descoberto o puro vazio que constitui e causa o sujeito. Ponto limite no qual se constata a falta radical no Outro, ali há a passagem ao desejo do analista, quando, segundo Lacan, há uma "mutação na economia do desejo"[16]

[16] Lacan. O Seminário. Livro VIII: A transferência. (1960/61. p. 187).

do sujeito. Aí ele se experimenta como pura perda. Confrontado com a essência de seu ser: nada mesmo é o que se é, a falta que se tornou perda, transmuta-se em causa, e conseqüentemente o sujeito pára de gozar da castração. Neste ponto advém um "desejo novo": o desejo do analista.

Para além da remissão do mal-estar provocado pelo sintoma, a psicanálise leva o sujeito, então, ao ponto no qual se experimenta como objeto, a construir um saber sobre o que o determina. Trata-se de um benefício epistêmico[17]. No entanto, há outros benefícios, como já disse. A psicanálise abre ao sujeito a via de seu desejo e aí, eticamente engajado, pode-se estar mais disposto a correr riscos, pois, parafraseando Cecília Meireles, com licença poética, descobre-se que a vida "só é possível 'inventada'!". O maior benefício da análise se comprova, então, é no estilo de cada um, diria, inclusive, no estilo de vida de cada um.

Há também outro lugar no qual se depositam os benefícios da análise: na extensão, na transmissão da psicanálise, ou seja, nas análises que pudermos sustentar e na elaboração e transmissão do saber decantado dessa experiência. Por isso podemos dizer: enquanto houver clínica, a psicanálise sobreviverá.

[17] Soler. *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas.* op.cit. p. 17

referências bibliográficas

FREUD. S. (1917) Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB).* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII.

FREUD. S. (1916/17) Conferência XXIII: Os Caminhos da Formação dos Sintomas. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB).* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVI.

FREUD. S. (1895/1950) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB).* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. I.

LACAN, J. (1960/61) *O Seminário – Livro 8: A Transferência.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. (1964) *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LACAN, J. (1967/68) *Seminário 15 – O ato psicanalítico.* Inédito.

LACAN, J. (1974/75) *Seminário 22 – R. S. I.* Inédito.

LACAN, J. (1977/78) *Seminário 25 – O momento de concluir.* Trad. Heresia. Tradução de seminário inédito. Publicação fora do comércio.

LACAN, J. (1974) A Terceira. In: *Actas de la Escuela Freudiana de Paris.* Barcelona: Ediciones Petrel, S. A, 1980.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
LACAN, J. Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
SOLER, C. Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas. In: *Stylus*. Belo Horizonte, n. 5, p.11-38, 2002.

resumo

Neste texto o autor procura traçar o percurso do sujeito na análise, do umbral de entrada até a saída. Ou seja, da indeterminação subjetiva à destituição subjetiva que transforma o analisante em analista com o advento do desejo do analista. Operação possível porque o analista sustenta, mas não se confunde com o Sujeito Suposto Saber.

palavras chaves

Sintoma - tratamento - destituição subjetiva - desejo do analista

abstract:

In this text, the author pursuits to draw the course of the subject in analysis, from the entrance's umbral to the end. In other words, from the subjective indetermination to the subjective destitution which changes the analysand into analyst, with the advent of the analyst's desire. This operation can be possible because the analyst sustains but doesn't confuse himself with the Subject Supposed to Know.

key words

Symptom – treatment – subjective destitution – analyst's desire

recebido

17/02/2007

aprovado

18/04/2007